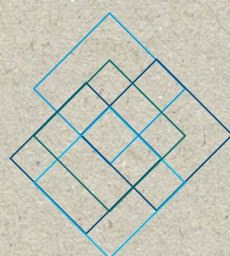
LAUDELINAS

VOL.I N°9 2022





MIRADA



EXPEDIENTE

LAUDELINAS

Volume I. Número 9.2022
ISSN 2675-6803
Selo Editorial Mirada
Recife - Pernambuco

EDITORA CHEFE

Taciana Oliveira

CONSELHO EDITORIAL

Argentina Castro
Liliana Ripardo

DESIGNER

Taciana Oliveira

CAPA

Foto de Philipp Potocnik:
Grafitti no muro da cidade de Genebra/Suíça
Artista: Sitou @sitoumatt

COLAGEM DOM E BRUNO

Naiana Irís - @colanaarte_



Dom e Bruno

Amazônia, sua linda

como salvar a floresta?

APRESENTAÇÃO

Junho de 2022 e ainda não sabemos quem mandou matar Marielle Franco e Anderson Gomes. A fome, a corrupção e a desumanização se alastram no país da hipocrisia e do fundamentalismo religioso.

Nas últimas semanas assistimos no noticiário e nas redes sociais o ataque brutal de um procurador geral contra uma colega de trabalho. Na sequência, uma juíza tenta induzir uma menina, de II anos para que ela não interrompa a gestação, mesmo sabendo que o Código Penal permite o aborto em caso de violência sexual - sem impor nenhuma limitação de semanas da gravidez.

Nesse cenário de horrores ainda nos deparamos com o caso de uma jovem de 2I anos, duplamente violentada ao ter sua privacidade exposta por um pseudojornalista e uma influencer. Na timeline dos misóginos e insensíveis, uma mulher precisa ser culpabilizada por entregar para a adoção o filho concebido em um estupro.

Junho de 2022. Dois homens foram brutalmente assassinados por defenderem o meio ambiente e os povos indígenas. Quem mandou matar Bruno Ferreira e Dom Phillips?

A nona edição de Laudelinas chega em dias de perversidades inimagináveis. São tempos inglórios, de uma dor sem tamanho, de uma escassez de afetos, empatia e sororidade.

É preciso que de alguma forma voltemos a navegar para além desse lamaçal sem fim. Que o amanhã nos abrace como um poema:

Mesmo não havendo esperanças
Agiremos como se houvesse
Jamais a adesão total
Ao mal, ao funesto, ao terror

Liberdade continuará pronunciada
Sobre ou sob as mordaças
Daremos trabalho, sempre
Como hidras de duas cabeças

Decepem-nos duas, nasceremos quatro
Temos o treino, a expertise, a inteligência
Dos secularmente derrotados.

(A despeito de, Adriane Garcia)

Taciana Oliveira - Editora das revistas Laudelinas e Mirada

ÍNDICE

"Eu não estou mais aceitando as coisas que eu não posso mudar.
Eu estou mudando as coisas que não posso aceitar."

ANGELA DAVIS, filósofa e ativista americana



MICKEY MOUSE | CONCEIÇÃO RODRIGUES

mamãe morreu como um rato
presa numa armadilha de cola
e de tanto revolver o couro
a pele foi saltando da casca
- foram-se os pelos
ficou a carne expiada

mamãe morreu como um rato
na ratoeira de ferrugem
presa com o projétil falho
enfiado na barriga
- o queijo ficou às moscas
 e a fome sobreviveu- faminta-

mamãe morreu como mickey mouse
segurando um míssil glorioso
não teve nem ferimento leve
tudo explodiu na minha cara

mamãe morreu como um rato
com as tripas
estouradas de chumbinho

contorcendo-se diante de
meus pés ao pé de minha porta

mamãe morreu como um rato
- os desocupados tiveram espetáculo
ocuparam o tempo de ócio-
enquanto eu recolhia as cinzas
e lustrava os ossos



Conceição Rodrigues nasceu em Arcoverde, portal do sertão pernambucano, mas viveu a maior parte do tempo em Recife, onde mora até hoje. É graduada em Letras e tem especialização em Literatura. Leciona na rede pública de ensino. Recebeu menção honrosa no III Prêmio Pernambuco de Literatura com o livro de contos “Corda para nós”, e no IV Prêmio Pernambuco de Literatura recebeu menção honrosa com o romance “323”. Trabalhou como assistente de Raimundo Carrero na Oficina de Criação Literária- UBE. Organiza e participa de antologias. Dá assessoria em produção textual em diversos gêneros e áreas. Publicou em 2020 “Molhada até os ossos” e “Os dedos das santas costumam faiscar”, livros de poemas, pela Editora Patuá. E-mail: cecitha7777@gmail.com

MEDICAÇÃO | MICHAELA SCHMAEDEL

para André Luiz Pinto

O delírio comum
é este acesso
a doses liberais
de medicamentos
que cessam
paixões agitadas.

Como calar
o que não é sólido
ao coração?

Os afetos como sonhos
revisitados
milhões de vezes.

Não passa de letargia
estar nesta ilha
afluxo concentrado
(a água entrando sem parar)
e ter este lampejo

a felicidade é um vício

DÚVIDA | MICHAELA SCHMAEDEL

A loucura destes anos
lugares de queda dos sonhos
que se debatem e morrem
na praia como peixes

os desiludidos
das praças antigas
jogados
sem qualquer força
e aqueles
que não param de pedir
dentro de igrejas
com vitrais coloridos

de que adianta rezar?

BURACO | MICHAELA SCHMAEDEL

É de um jardim inesperado
nesta área semidevastada
que volta-se a ter fé no amor.

A batalha é grega
perdida entre a beleza
e a força.

Rolos de feno secam
nos campos americanos
um infeliz escreve
jesus te ama
com o arado.

Enquanto isso
tento manter o amor
escondido num buraco
protegido das aves de rapina

o amor numa toca de tatu.



Michaela Schmaedel (1976) nasceu e mora em São Paulo. É editora do podcast Poesia pros Ouvidos e poeta. É autora de Coração Cansado (Penalux, 2020) e Quênia - poemas de viagem (Cas'a edições, 2021). Os três poemas desta edição estarão em seu terceiro livro, Paisagens Inclinadas, que sairá em breve pela editora 7 Letras.



AO LADRÃO DE PALAVRAS | BÁRBARA ASSIM

É madrugada
Tu dormes agora
O que faço eu com tamanha luxúria?

Dedos

Olha pela fresta do sonho
Estarei lá
Em cima
Embaixo
Nos quadros caóticos que a vida entre fumaça de cigarro realça

Sê arte viva em meu lençol
E me pinta de cores opacas
Mas deixa escorrer toda a tinta
(nosso assombro)

Quais são as cores que escondes na paleta?
Pincela em meus lábios o carmim
O resto não mais importará
Sê para mim o que escorra de tua alma em meu ínterim
Acende os candelabros
E me faz toda a obscenidade dos teus versos

Não! Cala-te!
Ouve nosso silêncio escandaloso
Adjacente aos ouvidos
Aqueles segredos de cama, de brincar com meu mamilo
Sejas tu para me satisfazer apenas



Barbara Caroline (Barbara Assim) é uma poeta de Maceió, Alagoas. Professora e estudante de filosofia, é autora do livro "Palavras pesadas carregadas por borboletas", onde expõe seu espírito notívago e visceral com uma sutileza incomum. O livro foi lançado em 2021 pela Edições Parresia. Atualmente a escritora está no processo criativo de seu próximo livro de poesias e em projetos de escrita colaborativa. A poeta escreve com um teor de "caos e fogo" singular, como diria o também poeta Leo Barth, responsável pelo posfácio de seu referido livro. Assim sendo, sua escrita demonstra o que a sensibilidade nos permite vivenciar sem perder a inquietude pungente do cotidiano.



(INS/PIRADA) | SABRINA MORAIS

A fogueira que hoje me queima, é composta por faíscas de raízes profundas em solo nutrido de amor, beleza, fúria, luz e sabores. A brasa da lua me puxa nas noites quentes de inverno, onde o suor se faz mar de águas silenciosas, vulcânicas, olho d'água, córregos e lagos brilhantes com aves sobrevoando. Meu hálito doce de vinho. Minhas folhas dançantes pro Sol. Minha carne mudando de fase. A mulher felina se embrenhando em matas desconhecidas.

Fincada ao chão fértil
Pairando sobre ares atmosféricos
Navegando em Alto mar de mistérios
Hemisférios
Mente leve
O inebriante poder do auto conhecer-se.
Meu corpo se faz livre como licença poética.

DESVENDE OS DEDOS, DESCUBRA AS ROTAS, DESNUDA A DANÇA | SABRINA MORAIS

V V breu

O O O

L L L V

Á U U U O

T P P L

I T L T Ú

L U U V

O V O E

E N S S L

V O L A

T A NEGRA véu

nua crua quente úmida



Sabrina Morais, 26 anos, Cearense, nasceu e reside na cidade Maracanaú. É escritora/poeta,produtora cultural, atriz, performer, feminista negra. Em sua escrita aborda temas introspectivos apontando inquietações sobre o próprio corpo e o ser; seus textos também causam reflexão sobre o cotidiano. A poeta trabalha o erotismo, poesia concreta e verso livre em sua obra literária. Em 2019, passou a integrar a coletiva de artistas negras de Fortaleza e região metropolitana Sarau das Pretas - Pretarau! Autora do livro "Pele Sentidos Temperatura", 2021, Editora Triluna.



"Árvore da esperança, mantenha-se firme."

FRIDA KAHLO, pintora mexicana

LATINOAMERICANA | AMANDA VITAL

ando por aí com meu corpo brasileiro e com a certeza de
que sou muito mais feliz e mais triste que todo o mundo

ando por aí erguendo corpos do solo: os braços, as mãos
são só memória muscular herdada e movida por pura bênção

e quando abro a boca, sei que sou música e silêncio, sou
melodia e ruído, eu falo em ritmo de marcha e em melisma

hoje não tenho carne, fibras ou ossos: tenho sedimentos
intermitentes entre história, continuação e algo a mais
que ficou cá por dizer, por ser desenterrado, mas nunca

eu apenas conheço a liberdade em estado de fogo cruzado

ando por aí com meu corpo brasileiro e com a certeza de
que meu senso de propriedade é fluido, aquoso, mosaical

e tudo me atravessa - fino como flecha, grande como nau

FLÂMULA | AMANDA VITAL

em um espaço quente dentro da minha memória
minha mãe costumava me enfiar um casaco por
dentro dos braços dizendo filha quando for sair
esteja em alerta :em constante estado de alerta:
observo as mesas ao redor enquanto tento ouvir
com atenção uma colega esbugalhada e franzina
tentaram passar a mão nos cabelos dessa colega
na estação de metro ela conta enquanto observo
em constante estado de alerta pergunto podemos
ir para outro lugar? mas o lugar é viagem perdida
da porta para fora de casa não há um outro lugar
o lugar possível é a mão precisa da minha colega
arrancando os dedos daquele sujeito um a um de
dentro de seus cachos para fora duma plataforma
o lugar possível era irmos tapar à tinta uns grafitti
nacionalistas de faculdades em Lisboa e no Porto
o lugar possível: qualquer outro que não isto aqui
que implica constantemente em nos dar pontapés
o lugar é trabalho de se fazer apenas com as mãos

desenterrar a força da artéria radial perder casacos
voltar sem contar à mãe :eu não fui a lugar algum:
nem toda labareda obedece às ordens das fervuras
desobedeçamos, pois



Amanda Vital é assistente editorial da editora Patuá e co-editora da revista Mallarmargens. Tem bacharelado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais e é mestra em Edição de Texto pela Universidade Nova de Lisboa. Autora do livro Passagem (Patuá, 2018). É mineira de Ipatinga e mora no concelho de Óbidos, em Portugal.

DOIS MIL E VINTE | AMETISTA DE PINHO

[para miguel ângelo]

o chão da vida é quente, meu bem

olho o futuro de daqui a pouco
com os olhos que consigo ter agora
e nessa realidade tão crua
que se estampa nos jornais e calçadas e hospitais lotados
[de gente

te vejo crescendo
como aquela flor bonita e frágil
que rompe o asfalto sujo
por onde os homens grandes pisam

tua existência vai se desenhando nas primeiras tentativas de
[palavra
nos primeiros jeitos de usar os dedos
para tocar as coisas
de se equilibrar no meio da sala,

que para ti é grande
ainda não sabes o tamanho
do mundo dos homens
que convida ao desespero
o tamanho do mundo dos
homens
que mata os homens
é pequeno também, verás um dia
pequeno e vil

mas, agora, o mundo é enorme para ti
enorme e desconhecido
e por isso a tua gargalhada
parece rir-se dele

outro dia deste os primeiros passos sozinho
e para a surpresa das pessoas grandes
e independentes
que agora se trancam em um mundo estreito
que convida ao medo e a desistência,

teu passo largo é destemido e insistente

e um sorriso leve e potente
te invade

quando
demoras uns três segundos sem cair
então cais
então levantas
e arriscas
de novo
e de novo
assim teus pés miúdos pisam
o mundo
a vida
com uma vontade grande
de um futuro bom
que tu sabes que virá
é um segredo
dos teus olhos grandes
que engolem o agora com pressa

o mundo é estranho, meu bem
é preciso que saibas

talvez um pouco como o estranho de agora
dos teus olhos de susto e descoberta
talvez um pouco como o estranho que só saberás depois.



Ametista de Pinho ama chá de hortelã e usa pente de garfo.
escreve porque a vida desagua.



TUAS SANDÁLIAS BRANCAS | MARINA RUIVO

Eram as sandálias brancas que você jogava,
correndo na areia e livrando-se
como fossem elas as grades,
brancas, eu me lembro,
as tiras já comidas pelo sal.

Não sei por que insistia em usá-las.
Sei que era verão, mas noite
na cidade sem ninguém,
só alguns carros atravessavam,
vez ou outra, a madrugada,
os faróis sempre altos.

Meu cabelo embranquecia a cada dia
e eu compreendia o sentido do tempo.
Ou talvez não compreendesse nada,
apenas fingisse aceitação,
fingisse ver o mar e as suas sandálias brancas,
fingisse ver você ao meu lado,
jogando-as pra cima e xingando,
reclamando a areia quente.
Eu fingia tudo.

Você não está aqui,
mas a sei lá quantos mil quilômetros,
e eu não estou na praia,
nem você,
não tem praia aqui.

Estou só neste mundo em que tudo fecha aos domingos.
Só eu, tendo que me aguentar,
ocupar os dias, calçar minhas sandálias
- nenhuma delas é branca -
enfrentar a caminhada no sol
estonteantemente tórrido.

Eu, me virando com as mãos
no malabarismo das atividades,
eu, tentando ser feliz sem me esquecer
de você,
nem de suas sandálias brancas.

Eram brancas as tuas sandálias, quando você corria na areia e as jogava para cima, libertando-se delas, que ainda te faziam sentir-se preso.

Eram brancas e de tiras já comidas pelo sal. Não sei por que você ainda insistia em usá-las, sei que era verão, mas noite, na cidade desconhecida que não tinha ninguém, mas cujos carros vez ou outra atravessavam a madrugada com seus faróis altos.

Meu cabelo embranquecia a cada dia e eu compreendia o sentido do tempo. Ou talvez não compreendesse nada, só fingisse aceitação. Fingisse ver o mar e tuas sandálias brancas, fingisse ver você a meu lado, jogando-as pra cima e xingando, reclamando da areia quente. Fingindo tudo. Mas você não está aqui, está a sei lá quantos mil quilômetros daqui. E eu também não estou na praia, nem você. Não tem praia aqui. Estou só, neste mundo estranho em que tudo fecha aos domingos, precisando sobreviver por minha inteira e própria conta e risco. Eu comigo.

Eu, tendo que me aguentar. Ocupar meus dias, calçar minhas sandálias - nenhuma delas é branca, nem você as tem dessa cor. Eu comigo. Enfrentando o dia, ocupando as horas, caminhando no sol estonteantemente tórrido desta cidade. Sem um carro para me ajudar.

Eu, me virando com as mãos. Eu, me virando no malabarismo das mil atividades e tentando ser feliz.

Eu, aqui, a quase três mil quilômetros, sem esquecer de você. Querendo você e querendo que minhas palavras sejam uma forma de te encontrar.

(Rolim de Moura, 21 de janeiro de 2018).



Marina Ruivo nasceu no Dia Internacional da Mulher de 1978, em São Paulo. Cursou Letras/Português na USP e lá defendeu o mestrado e o doutorado. Trabalhou como freelancer no mercado editorial e atualmente é professora universitária. Mantém o canal A barca Marina, no Youtube e publicou Nossa barca (Patuá, 2019) e Geração armada: literatura e resistência em Angola e no Brasil (Alameda Editorial/Fapesp, 2015).



O JOGO DA VIDA | ADRIANE GARCIA

Na casa da madrinha rica
Davam-me revistas velhas

Eu pulava todas as notícias
De madames
Todas as revelações
Da semana
E passava
Direto
Para o jogo dos sete erros

Eu gostava

Naquele tempo era difícil
Encontrar um.

PARTIR | ADRIANE GARCIA

Após o parto
Um tanto de coisa se parte
E parte

É sempre falta:

O que vem aos braços
Vem para voar.



Adriane Garcia, poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou Fábulas para adulto perder o sono (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), O nome do mundo (ed. Armazém da Cultura, 2014), Só, com peixes (ed. Confraria do Vento, 2015), Embrulhado para viagem (col. Leve um Livro, 2016), Garrafas ao mar (ed. Penalux, 2018), Arraial do Curral del Rei - a desmemória dos bois (ed. Conceito Editorial, 2019), Eva-proto-poeta, ed. Caos & Letras, 2020 e Estive no fim do mundo e lembrei de você (Editora Peirópolis).



SUMÁRIO | JESUANA PRADO

Se eu pudesse te entregaria um sumário de mim.

Te contaria cada capítulo, verso, de quem fui até aqui.

Cada parte da minha história,

cada suspeita do que desejei ser, ter ou não ser, não ter.

Te diria qual música faz minha alma vibrar,

ou quais os meus poemas preferidos ou

quando eu me descobri sabiá, bem-te-vi ou amora.

Se eu pudesse eu te contaria um rosário de mim,

cada conta um segredo ultrasecreto,

parte de mim que nem os poemas sabem.

Cada pausa um lamento das tantas lágrimas já afogadas,

cada amém uma prece que se perdeu no universo

e todos os desejos já mofados,

revirados por tu saberes de mim.

Se eu pudesse não ser, não seria.

Seria gato, planta, chuva,

seria redemoinho bailando na poeira,

seria mandacaru em flor.

Porque ser gente é por demais delicado

e tem horas que é melhor não ser.

Mas se eu pudesse só ser, eu seria.



Jesuana Prado é poeta, escritora, pedagoga social e psicanalista. Escreve desde os 14 anos e é oficineira desde sempre. Lançou o livro Cotidiano Poético em 2014. É editora na Vicença Editorial e Akasha Editorial. @jesuanasampaio



[PERSONA NON GRATA] | LISA ALVES

ser prato de brilhante
para servir banhas
ao senhor do terno
de sete dígitos

ser o banco em couro
de dinossauro ressuscitado
pela engenharia genética
a pedido do rei do varejo

ser a pizza de guarani kaiowá
degustada pelos filhos do agronegócio

ser diorim, chanelim, armanim,
dolce & amargo
e empestear o mundo
com a alquimia prostituída

ser o tapete tecido
pelas mãos miúdas
de crianças-0,10-centavos-ao-mês.

não, grata!

[FICAMOS TODOS INVISÍVEIS]| LISA ALVES

no passado eu via as vitrines
as placas e os carros trafegando
eu via as xícaras flutuando
e os chás descendo em gargantas invisíveis

os celulares caminhavam sozinhos
e as roupas de grifes eram
nossas únicas identidades

eu via os prédios, os muros e as catracas
e até sentia uma mão invisível
barrar meu vestido gasto

(um carimbo
de que ali
eu jamais
seria bem-vinda)

eu não tinha imagem - no espelho nenhuma face
eu não tinha sucesso - era assunto proibido

em um país onde não neva o gelo é a indiferença
(e a nevasca era de janeiro a janeiro)

tempos depois
as crianças surgiram nas ruas
gritavam suas fomes
e eu assistia mais
do que uma selva de concreto
eu via o deus dos invisíveis
em cada face mascarada

hoje a história é um velho diário
lavrado por um gigante errante
todo domingo é uma nova era
e nos sábados é dia de trocar a epiderme
dar um trato nas crianças:
ensinar logística alexandrina
e química molotoviana.

[VINGANÇA IN QUÓRUM] | LISA ALVES

há um prato milenar
em um altar talhado
de um carvalho aceso

um prato à espera
de um povo que nunca chega

esse prato sustém uma iguaria preciosa
com aroma de justiça e sabor de liberdade

eu não consigo idealizar o sabor desse alimento
eu mal consigo imaginar a sua cor

só sei que ele é frio e similar
aos aforismos populares.

*poemas do livro "Arame Farpado" (Penalux), 2018.



Lisa Alves (I98I) é escritora e vídeo artista. Em 20I5, publicou o livro de poesia “Arame Farpado” que ganhou uma segunda edição pela Penalux em 20I8. Trabalha a sua poética em uma modalidade artística híbrida: imagem, performance, texto e som. Em 2020/202I publicou as plaquetes “Quando tudo for possível” um híbrido homo-onírico-afetivo de poesia e vídeo-arte que em breve se tornará livro pelo selo Mirada. É redatora da revista literária La Ninfa Eco (Oxford, UK). Instagram: lisaallveskhaled | Facebook: www.facebook.com/lisaallves

SARA SÍNTIQUE

à punucena, tataravó,
e a todas as ancestrais

três rosário ao pé da cama
cantiga de maria
cantiga de mãe ana
cantiga de joana
cantiga de outra santa
que ficara esquecida
mas que ela conhecia
e tinha dó

o bom mesmo é que corria
mata dentro mata afora
punucena era cabocla
que ela via punucena
que soprava em seu rosto

e o vento em seus olhos
e o vento em sua boca
e o vento em seus largos
e chovia em seus mansos
e trovejava em seus dedos
e o vento inundava
e o verde
outro rio
de nadar
outro peixe
de fartura
outro nome
de inventar
punucena
era terna
era tigre
era fera
era cura
cipó-mata
não pedia oração
não pedia canto não
oração de punucena
era correr

e corria

o bom mesmo é que corria

e de noite
três rosário ao pé da cama
cantiga de maria
cantiga de mãe ana
cantiga de joana
e uma cantiga pra outra santa
que ficara esquecida
e que ela bem sabia

e tinha fé

*poema do livro "Zuíla pudesse amar" (no prelo).



Sara Síntique é escritora, revisora, atriz e produtora cultural. Autora dos livros "ÁGUA ou testamento lírico a dias escassos" (Ellenismos, 2019) e "CORPO NULO" (Editora Substânsia, 2015). Integra as antologias "O olho de Lilith (Selo Ferina, Pólen, org. Mika Andrade), "Cult - Antologia Poética n°2" (Revista CULT, org. Tarso de Melo), "Uma pausa na luta (Mórula Editorial, org. Manoel Ricardo de Lima), "Fissura" (Nadifúndio, org. Bianca Ziegler e Raisa Christina), "69 poemas e outros ensaios" (Oficina Raquel), além de textos em diversas revistas e blogs. Mestra em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também se graduou em Letras Português-Francês. Pesquisou corpo e encontro amoroso na obra literária e cinematográfica de Marguerite Duras.

BLACK IN LOVE | CLODD DIAS

Num dueto... momento em que fúrias percorrem as ruas, as dunas de um deserto infinito pedem água, matam a sede com o toque leve da brisa na areia.

Seca

Dura

Permanente.

Que felicidade encontrar um oásis. Ilusão já nao sei, verdades já as quero como respostas perdidas, soltas, voláteis no ar.

Um...dois...Três....

Querer ou sonhar?

Um canto negro...uma voz negra....um negro....

Respeito,desejo, liberdade.

Ir e vir....

Caminhar....caminhar....mais um passo....mais um....

Cheguei.

Chegamos!!!

Mãos dadas

Negras.

Quentes e negras....

Úmidas e negras.

Amor negro.

ANCESTRALIDADES | CLODD DIAS

É Negrx.
Lord Byron nessa noite suspira mais fundo...
É negro.
Sente frio, sente dores
Em cada pensamento há uma certeza e uma dúvida.
Um vai e vem de vontades.
Há um sol em sua mente mas habita ali também uma sombra.
E essa sombra é como névoa....perigosa....envolvente.
Seduz como o vermelho de uma boca carnuda.
A chuva cai e a noite ganha mais corpo, mais fel, mais sangue....
Caminhada, longa caminhada.
Nas mãos o absinto é levado a boca. O gole. O
merengue entorpecido, entregue agora está
aos sonhos e aos pesadelos.
Pode morrer mil vezes, mil vidas e estará tudo escrito.
Byron pode. Ele pode.
É negro. É travesti.
O rosto animado disfarça a dor, a amargura de um poeta....
Que ama e não é amado pela gente.
Mas sim pela Morte.
E ela está cada vez mais próxima.
É o que dizem...

Silencioso, tênue, sofrido....
O corpo ainda quer viver, mas a alma não.
Byron segue seu rumo.
É negro. É meretriz
Vem noite e invade tudo. Penetra os poros, a boca, a lingua e seu povo.
É do mundo.
A chuva escoa pelas vielas, pelas praças.
Molha.
Uma goteira teimosa insiste em cantar...
Ri e grita com voz muda.
O pus, o vômito saem de mãos dadas. Dor com dor se completa e como!
Sonha Byron, és negro, és trans, és mulher.
Dorme o sono dos injustos!!!!
Vai, durma!!!!
Emudeceu-se
Fim.
Morte... Desapego...
Vida.
Vivas!!!



Clodd Dias é poeta e atriz. No streaming integra o elenco da série "Manhãs de Setembro", da Amazon Prime. No cinema, participa dos longas "Lili e as Libélulas", com direcão de Rene Guerra, e "The crossword monologues", com direção de Hideaki Takaoka. Atuou também nos curtas "Lugar pra ninguém", direção de Fabiana Carlucci, premiado no festival DIGO; "Preto", sob direção de Elton de Almeida. Atualmente é integrante do coletivo "Amigas do Samba" na cidade de São Paulo.


METAMORPHOSIS....

I

para a Cordelista indígena Auritha Tabajara:

Ela é Deusa!
Doutora da oralidade
Guerreira do sertão
Xamã da Ancestralidade
Tem olhos de águia
Coração em tambor
Sua voz é flecha
Sem nenhum temor
Certeira no ar
Na escrita da pedra
Mulher Juremar



II

para a contadora de histórias Lúcia Tucuju:

Tecelã de memórias
Da oralidade ancestral
Rendeira de histórias
Das matas Tupy
Sorriso girassol
Amiga de Jacy

Curandeira das noites
À luz da fogueira
Kunhâ porã
Eis luz altaneira
De Tupã e Nhandesy
Amada companheira
Dos kurumins



III

para a Cacica e professora Antônia Tuxá:

Sementeira do sertão baiano
Mulher de verões sem fim
Kunhâ educadora da seca
Rainha de seu alforriado jardim.
Mãe de muitos filhos da terra
Da enxada ao facão na lavoura
Tira o seu pão da campina e da serra.

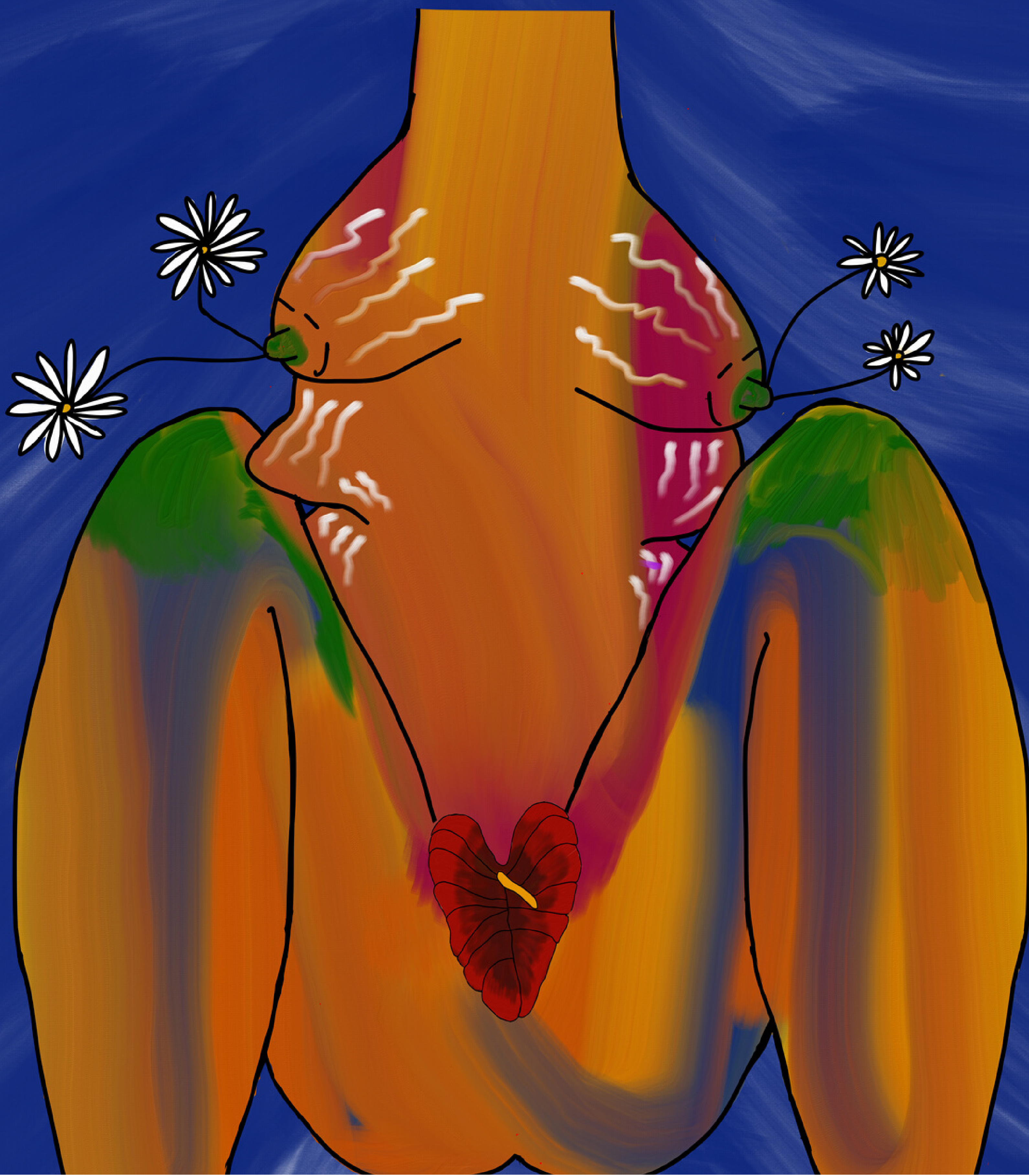
Em rezos ela espera a chuva
Em cânticos se refaz criança
Nas noites se farta da lua
No frio se aquece de esperança
Nem mesmo o câncer da vida
Que lhe tentar domar
Segura esta guerreira
Que enfrenta o céu e o mar.





Eva Potiguara - Indígena Potiguara do RN, Produtora cultural da EP Produções. Escritora e poeta, Arte Educadora, Doutora em Educação pela UFRN, membro da UBE/RN, SPVA/RN, ALAMP, membro imortal da Academia de Letras e Artes do Brasil, da Seccional Campos de Goitacazes/RJ, membro do Núcleo de Letras e Artes de Lisboa/Portugal - NALAP, membro da Acádemie Luminescence de Letras, Artes e Ciência da França. Atua na área de formação de professores de Pedagogia, como professora de Artes. Suas principais publicações solos na poesia, na prosa e no audiovisual, expressam o empoderamento da mulher, o amor à Mãe Terra, as resistências dos povos indígenas do RN e se estende a todo o Território Brasileiro. Instagram: @evapotiguara.

*Ilustrações da Série Femenagem são de autoria de Eva Potiguara



SUGESTÃO DE LEITURA | TUDO É QUÍMICA, CAROL SANCHES (QUINTAL EDIÇÕES, 2022)



Aqui mora o tempo breve, o espaço entre a escuridão, a memória, a morte, o amor e a existência. Tudo sangra, rasga, queima e evapora.

Tudo se transforma. Tudo é química:

“sou mulher
ordem e loucura”

Nesta obra, Carol Sanches nos revela eixos que sustentam o corpo poético de uma narrativa visceral: "das coisas que se guardam dentro das gavetas" "sobre a seriedade dos passarinhos" e "contra toda espécie de petrificação".
"Sou maior que meu corpo", escreve a poeta.

E sua escrita transmuta em uma corajosa alquimia de sensações, seja no oxigênio de cada palavra, na urgência dos desejos incendiários, no voo pássaro, na música e nas paixões.

Ela nos oferece o risco necessário na raiz de todos os sentidos, ultrapassando perspectivas além do universo feminino: é um mergulho no abismo na ausência de montanhas.
Como não se render a uma "combustão espontânea de água salgada"?
"Tudo é Química" é um encontro e desencontro, um batismo na chuva, um olhar desafiador ao vazio de uma cultura movida a pixels.
(e um tanto mais que não caberia explicar)

*originalmente texto da orelha do livro.

por Taciana Oliveira - cineasta, comunicóloga e editora nas revistas eletrônicas Mirada e Laudelinas.



Carol Sanches é autora de Devo admitir que me dá um certo prazer (Urutau, 2020), Não me espere para jantar (Patuá, 2019), menção honrosa no Prêmio Maraã de Poesia 2018, e dos livros independentes Poesias Pormenores (2007) e Toda diva tem divã (2008). Seu trabalho já foi publicado em revistas digitais e antologias poéticas. Seu próximo livro, Tudo é química (Quintal Edições, 2022), será lançado dia 25/3 na biblioteca pública Guilherme de Almeida, no distrito de Sousas, em Campinas - SP.

FAÍSCAS | IARANDA BARBOSA

para Cecita Rodrigues

Poemas produzidos na insônia
no despertar da noite,
ainda com o corpo quente.

Poemas paridos do choro que teima em vir
Em não vir
Em fazer erosão na base
Em borrar o corretivo
Em corrigir o desespero

Poemas abafados nos gritos durante a massagem modeladora
a depilação
o Papanicolau
a mamografia

Poemas retirados das sujeiras debaixo das unhas
da dor do siso
do ouvido
do umbigo
das lombrigas



Iaranda Barbosa, formada em Letras Português-Espanhol, pela UFPE, possui mestrado e doutorado em Teoria da Literatura pela mesma instituição. Salomé (Selo Mirada), novela histórica é sua primeira obra ficcional longa. A autora possui contos em antologias e revistas de arte, assim como diversos artigos científicos publicados em periódicos especializados em crítica literária.

MEU DNA | GERMANA ACCIOLY

O que me dói, me deixa pequenina, menos que menina, é o não-olhar. A falta do amor no princípio, a vaga atenção que mata aos poucos, ou que não deixa florescer. A falsa segurança afetiva que constitui fragilidade.

O que me destrói, meio século depois, num café furtivo às nove da manhã, é a criança acuada. Início torto. Passo a vida tentando ajustar as posturas, as visões turvas por entre os buracos que infestam a alma.

O que não tem medida é a triste esperança anêmica e insistente, olhando de baixo pra cima, esperando um afago na cabeça, uma palavra de apoio, um colo. Sentimento de quem aprendeu a andar cambaleando, apoiando o equilíbrio em galhos, batentes, muros aleatórios.

Aliás, é na falta de morada que se vê o céu aberto. Onde, por falta de telhado, a gente conta as estrelas, imagina uma cobertura brilhante, se fantasia gigante, imensa, blindada.

Olhando no espelho, este metro e meio de gente nunca foi tão ínfima. Nunca senti tamanha pequenez. Uma alma que pulsa sem cessar, batendo portas, buscando caminhos. Uma criança que nunca pôde ser.

Intenciono voltar no tempo, caminhando na estrada em marcha a ré. Eis que o vento que sopra me ensina que antes, deve-se parar. A estrada nunca é a mesma, a paisagem já mudou. Talvez escrever seja a costura subjetiva que tece novas tramas. Anseio pelo passado mudo e sonolento. Não há remédio que passe a dor crônica de seguir vivendo.

Avessa aos artifícios, olho profundamente nos olhos de quem fui. Seguro na mão desta mulher que todos os dias ensaia sair do casulo, nascer diferente. Eu já quis mudar de nome, morar no exterior, ter outra profissão, aprender ofícios. Quis tudo, porque por dentro o cupim do não-amor carcomia as construções.

Vem um ciclo outro. Convivendo com as dores e construindo com as demolições que provoquei. Reforma estrutural nesta casa sem telhado, sem portas e sem saída de emergência que sou.

Tenho arquitetado um projeto todo novo, voltado para o nascente. Um re-nascer para quem tanto já viveu.

Talvez seja a hora. Neste caso, nunca é tarde demais.



Germana Accioly - é escritora e jornalista. Publicou “Não é sobre você” (Selo Mirada, 2021). Escreve no blog Perder de Vista



NESTA EDIÇÃO



Naiana Íris - escritora, cantora, ilustradora, colagista, empreendedora, graduada em Letras e Mestra em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Ceará. Organizou, em 2020, junto com a escritora Vitória Andrade, a Antologia O amor nos tempos de lonjura (Mirada). Autora do livro Além da máscara (2020), também publicado pelo selo Mirada. O trabalho reúne poemas sobre a Pandemia de Covid 19. Tem textos publicados em jornais, revistas e coletâneas. Membra do Coletivo Tear de histórias, espaço dedicado à crônica produzida por escritoras nordestinas. E também do Coletivo Poexistência, dedicado à poesia produzida por mulheres. Administra as páginas @colanaarte_ e naianairis.

*COLABOROU COM COLAGEM PUBLICADA NA PÁGINA 04



Ana Amorim Fontana é artista digital. Nascida e criada em São Paulo, usa a arte como forma de ressignificar tudo o que sinte de mais pesado e sombrio, e se identifica bastante com o trecho do poema Motivo de Cecilia Meirelles, "não sou triste, nem alegre, sou poeta"

*ILUSTRAÇÃO "MULHER" NA PÁGINA 7I

FOTOS E ILUSTRAÇÕES

Photo by Motoki Tonn on Unsplash @motoki - pág 09

Photo by Adamyoung on Unsplash @adammyoung - pág I7

Photo by Camila Cordeiro on Unsplash @camilacordeiro - pág 25

Photo by Ahmad Odeh on Unsplash @aoddeh - Pág 35

Photo by Karim Ben Van on Unsplash @kbendakhlia - pág 45

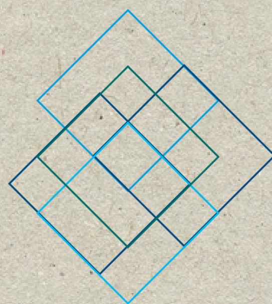
Wall-color-graffiti-artwork-painting-street-art pxhere.com - pág 49

Photo by Jon Tyson on Unsplash @jontyson - págs 2I, 4I e 63

Ilustrações/Arte Digital de Eva Potiguara - págs 65, 67 e 69

Photo by Melissa Westbrook on Unsplash @mwestbrook - pág 77

CRIANÇAS NÃO
SÃO MÃES


MIRADA